

Sobre a mente do analista: questões e implicações

Eliane Michelini Marraccini

Resenha do livro *A mente do analista* de Luís Claudio Figueiredo

O título deste livro desde logo surpreende ao convocar o leitor a refletir sobre a mente do analista, condição essencial para que se dê o processo de análise, mas que não costuma ocupar o centro das discussões e publicações em Psicanálise.

Portanto, considero bastante significativo e especialmente oportuno que este tema, delicado e complexo, tenha instigado Luís Claudio Figueiredo a produzir uma publicação específica no momento especial em que nos encontramos. Com franca proliferação de cursos de Psicanálise, muitos deles com o objetivo de formação de psicanalistas para atuarem na clínica, porém nem todos oferecem subsídios fundamentais e plenas condições para realizar o que se propõem.

Torna-se ainda mais séria a questão diante da perspectiva atual de a formação do analista, com sua complexidade e singularidade, na busca de integração do estudo teórico com a supervisão da prática clínica e, sobretudo, com a experiência analítica pessoal, pode ser transmutado em básico curso universitário de Bacharelado. Um entendimento muito diverso e contrário àquele concebido por Freud, que tem sido seguido e aprimorado ao longo de mais de um século de existência da Psicanálise.

O ensino da Psicanálise sempre esteve presente no meio acadêmico e é bastante importante que ali tenha um lugar à altura de sua expressão, no amplo espectro de práticas psicoterapêuticas e realizações culturais. Porém, ensino dessa natureza encontra-se muito distante daquele que trata verdadeiramente da formação de um psicanalista, em sua ética, seus princípios, singularidades e especificidades. Refiro-me a uma formação que deve se manter em caráter continuado e permanente, como ocorre com aqueles que investem em seu aperfeiçoamento com interesse e responsabilidade pela atividade que exercem na prática.

Nesta direção, mais do que nunca, o exame consistente e detalhado do que está implicado em uma mente de analista precisa ser destacado para que se resgatem os princípios éticos e científicos que regeram a fundação da Psicanálise enquanto teoria e método. Princípios que são plenamente válidos e justificados, mesmo que a prática clínica contemporânea comporte elementos renovados e criativos que se desenvolveram e, reconhecidamente, foram incorporados no seu corpo de conhecimento.

Luís Claudio dedicou-se ao exame da mente do analista com amplitude e profundidade, destacando aspectos necessários e importantes para refletirmos, enquanto psicanalistas comprometidos com a nossa função e responsáveis por seu exercício, com a seriedade que demanda o sofrimento humano e suas implicações. Sofrimento cada vez mais com amplo espectro de expressão, multiplicação de quadros clínicos severos com manifestações

variadas e complexas, além de sintomatologias que ganham diversidade na atualidade. Questões, enfim, que demandam uma escuta criativa e polifônica, como apontou o autor, na busca de tentar apreender, sem nunca efetivamente conseguir abarcar, o infinito compreendido em cada encontro entre infinitos (inconscientes), que caracteriza o encontro analítico.

Como autor criativo, Luís Claudio se apropria de teorias psicanalíticas para pensar sobre elas e ir além com originalidade, do mesmo modo pelo qual se encontra permanentemente instigado a sonhar, pensar e perlaborar em torno da experiência emocional única de ser psicanalista.

Neste livro em especial, busca debruçar-se sobre a clínica psicanalítica e a potencialidade que comporta, sem deixar de considerar os limites não ultrapassáveis de um processo de análise, como fez questão de destacar.

Ao longo de sete capítulos, baseados em palestras que Luís Claudio proferiu em distintas instituições dedicadas ao estudo da Psicanálise, são enfocados vértices e ângulos do encontro analítico que indicam a complexidade desse encontro particular entre subjetividades e o exercício da função analítica. Ao acompanhar sua escrita, somos surpreendidos por verdadeiros insights reconhecendo e identificando fenômenos clínicos e experiências emocionais vividas no contexto das transferências e contratransferências, mas que também as transcendem. O que está em foco é um novo olhar sobre a nossa prática clínica, ou seja, sobre a atividade do psicanalista que resolvemos abraçar.

Em nosso trabalho, dependemos, ao mesmo tempo, tanto de uma mente viva e alerta para acompanhar o percurso singular que se desenrola em cada encontro analítico, como de uma mente aberta e disponível para viver a surpresa do novo, desconhecido e inesperado que se apresenta a cada vez (e a cada momento), aí incluída a disponibilidade para os riscos envolvidos. Nas transferências para o aqui e agora do encontro analítico, é que se verificam as repetições inconscientes das dimensões inconscientes das experiências e das dinâmicas e estruturas da personalidade. Considerando-se com Luís Claudio que o campo transferencial é uma criação compartilhada do analista e do analisando, esse campo para ambos constitui parte de seus mundos interno e externo.

O analista existe como observador participante desse campo intersubjetivo e nele está inserido como uma mente que deve contar com a disponibilidade para o outro e para o outro de si. Trata-se de uma dimensão que abre espaço interno para a observação, a auto-observação e a reflexão, um lugar terceiro, de acordo com Britton, em procura da verdade emocional do que se passa entre ele e o analisando, como indicou Capier. E, sobretudo, deve-se considerar que, apesar de a Psicanálise colocar a mente do analista em risco com sua inevitável implicação, por outro lado, também o ajuda a pensar e a elaborar experiências

emocionais, permanecendo em processo contínuo de criação e expansão. Uma riqueza que se compõe com as fantasias de reparação onipotente que, se puderem ser sustentadas sem maiores desvios e estorvos, serão sublimadas no próprio exercício da função analítica, conforme ressaltou Luís Claudio.

Fundamentalmente, é o enquadre interno que define uma mente de analista em atividade, pela identificação com o método psicanalítico e a introjeção da função analítica, assim como é o que garante que o trabalho psicanalítico seja realizado nas mais distintas situações que podem se distanciar do enquadre clássico, como os atendimentos extramuros, que se multiplicam, e os atendimentos remotos, que implicam especial elasticidade. A estes últimos, fomos remetidos obrigatoriamente pela pandemia e confinamento decorrente.

Em um dos capítulos do livro os atendimentos remotos levaram Luís Claudio a refletir especialmente sobre eles e a examiná-los em relação ao dispositivo analítico, que conta sempre com uma dimensão virtual, assim como o trabalho do analista se dá sempre na realidade virtual de que a Psicanálise precisa para trabalhar.

Ao destacar a importância do enquadre interno, que nos caracteriza como analistas e se constrói fundamentalmente a partir de nossa própria experiência em análise, Luís Claudio o considera como a disposição da mente que precede os encontros com outros sujeitos, a escuta a eles e a si mesmo, o que permite ascender ao enquadre psicanalítico propriamente dito. Muito importantes as considerações que o autor faz, na medida em que explicita o que implicitamente o psicanalista vive na tensão do encontro analítico, sofrendo as afetações em sua própria mente e se expondo à interação e interpenetração por uma outra subjetividade, em relação à qual se encontra instituído da função analítica e com a atividade de seu *work-ego* analítico em operação, como indicou Robert Fliess.

Ao discorrer sobre as implicações e as vicissitudes do encontro analítico, o autor destaca a complexidade da situação analisante quando se encontram não apenas o inconsciente do paciente e o do analista, que são infinitos por si e procuram expandir-se, mas também as dimensões inconscientes do psiquismo (inconsciente pré-histórico, inconsciente passado e inconsciente presente), que se infiltram em todas as instâncias psíquicas. Coloca em relevo a importância de o analista contar com a possibilidade de uma escuta polifônica, ampla, profunda, diversificada, multidirecional e que busque acessar o entrecruzamento dos inconscientes que habitam o campo analítico e se manifestam no encontro singular que tem lugar e obedece a variadas temporalidades.

Cabe ser referido o destaque dado pelo autor à historicidade e à especificidade da temporalidade, quando distingue o tempo que interessa ao psicanalista, que não é o tempo evolutivo, desenvolvimentista e maturacional da Biologia,

mas o tempo que comporta elementos do passado filio e ontogenético, além da inclusão do passado pessoal e de todo o presente, abarcando, ainda, as antecipações de pré-compreensão do futuro. Nessa perspectiva, sem desconsiderar a atemporalidade do inconsciente, há a interessante e elucidativa explanação do autor sobre a complexidade do retorno e repetição do passado no interjogo com a antecipação do futuro que já se encontra em projeto no presente.

Temas como empatia e intuição, que visam apreender as manifestações do inconsciente, foram retomados desde Ferenczi, quando destaca que o analista teria de ver nas repetições transferenciais e, conseqüentemente, nas contratransferências, o verdadeiro material inconsciente. Nesta direção, Luís Claudio relembra o pioneirismo de Robert Fliess em trabalho originalmente publicado em 1942, quando atribui às “oscilações” no funcionamento da mente do analista, como a oscilação entre identificação e diferenciação, momentos de empatia e momentos de observação relativamente distanciada, que buscam obter uma apreensão empático-intuitiva do inconsciente do analisando. Isto conduzindo ao “sonho diurno condicionado”, que antecipa a noção de *rêverie*, proposta por Bion, e que tem por base o que o analista experimentou contratransferencialmente na condição de objeto e de sujeito das transferências que a ele se dirigem.

A retomada de ideias de Freud em vários momentos é muito pertinente, pois visa primordialmente destacar onde se encontram as sementes originais do que veio a ser desenvolvido por autores seminais da Psicanálise, como Ferenczi, Klein, Winnicott e até mesmo Bion, com seu especial interesse pela mente do analista. Como também podem ser identificadas ampliações e avanços dessas sementes freudianas em alguns proeminentes pensadores, como Green, Fédida, entre outros.

Além destes, Luís Claudio se apropria de modo bastante particular das postulações de vários autores atuais que lhe fazem especial sentido, indicando como criativamente desenvolveram conceitos e pensamentos que se encontravam em estado germinal nas concepções de seus antecessores. Assim, ele honra os antepassados históricos em suas ideias e descobertas, como também apura a identificação e o reconhecimento em autores contemporâneos, das ricas fontes em que se basearam e de onde puderam avançar ao dar curso a suas concepções.

Encontramos na grande angular do pensamento de Luís Claudio destacadas referências a Bollas, Britton, Anne Alvarez, Anzieu, casal Baranger, Roussillon, Ferro, Ogden, Caper, Civitarese, Cesar e Sarah Botella, Grotstein, Robert Fliess, Racker, Michel M’Uzan, Rocha Barros, Cassorla, Coelho Junior, entre outros. E, vale salientar, Luís Claudio não apenas os refere, mas constrói um pensamento articulado em relação ao que apreende destes, de modo a criar

sua própria perspectiva, que tem por diretriz a perspectiva contemporânea de uma Psicanálise transmatricial, que transita, incorpora e dialoga com distintos pensadores e esquemas conceituais. Com seu colega Nelson Ernesto Coelho Junior, o autor publicou anteriormente o importante livro *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura – matrizes e modelos em psicanálise*¹, onde enfatizam a psicanálise transmatricial, denominando a contemporaneidade de uma era pós-escolas.

Para concluir, cito um significativo trecho do livro *A mente do analista* que recomendo vivamente a todos aqueles que se dedicam de modo implicado e criativo com a função analítica em busca de aprimorar sua prática clínica a partir da reflexão sobre ela em suas intercorrências e implicações:

Hoje praticamos uma psicanálise muito mais complexa, rica e profunda do que aquela a que Freud tinha acesso, e sabemos – ou pensamos saber – de coisas que ele nem imaginava. Mas só chegamos aonde chegamos porque nos mantivemos fiéis à ideia de psicanalisar como pesquisa... nunca nos esquecendo que nossa consciência e, portanto, nossas ideias e teorias – finitas – jamais serão capazes de apreender o infinito do inconsciente e os infinitos dos encontros analíticos presenciais ou remotos (p. 93).

1 FIGUEIREDO, L. C.; COELHO JUNIOR, N.E.C. *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura – matrizes e modelos em psicanálise*. São Paulo. Editora Blucher, 2018.